



A questão do Sentido

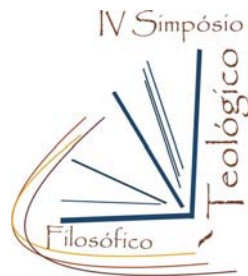
Paulo César Nodari
UCS / Filosofia

Resumo: O homem levanta a pretensão de sentido. Ele busca dar sentido às coisas que lhe estão dispostas e do modo como lhe estão dispostas. Ele busca dar sentido ao todo de sua existência, admirando-se diante das coisas como se lhe apresentam, e interrogando-se, contínua e incansavelmente, a respeito do porquê as coisas serem como são e não de outro modo. Enquanto ser dotado de reflexão, o homem vive como problemático, isto é, ele está preocupado em compreender a vida, o mundo, o sentido de suas ações, a particularidade de seus gostos, o significado de sua relação com a natureza. Ao tomar consciência dos diversos problemas que povoam seu universo, o homem se coloca a célebre questão a respeito de quem ele é, uma vez que a reflexão sobre o homem, identificando-se, sobremaneira, pela interrogação *o que é o homem*, permanece, desde a aurora da cultura ocidental, no centro das mais variadas expressões culturais: literatura, ciência, filosofia, ética e política. Dessa singularidade própria do homem, a de ser o interrogador de si mesmo, desencadeia-se o movimento de interiorização reflexiva do querer compreender-se como *presença a si mesmo*, descobrindo, por conseguinte, enquanto espírito finito, por um lado, que ele não se identifica com a plenitude da verdade e do bem, mas, por outro lado, como sendo capaz de ultrapassar o âmbito da realidade finita numa abertura ilimitada à totalidade do ser. Assim sendo, contrapondo-nos à tese da radicalização da imanência do horizonte existencial, isto é, à tese de que o sentido último encontra-se no espírito humano, sustentamos que só a abertura à *infinitude* dá ao homem na sua consciência um valor absoluto que apreende a totalidade do ser, capaz de contrastar com a contingência do horizonte material do homem no mundo, podendo-se afirmar, então, que a existência de um Deus transcendente é a resposta à exigência de sentido pleno do espírito humano.

Palavras-chave: sentido; admiração; devir; transcendência; Absoluto.

Indagar é uma atitude filosófica essencial do homem.¹ O homem interroga-se. Está preocupado em entender a vida, o mundo, o sentido de suas ações, a particularidade de seus gostos, o significado de sua relação com a

¹ Este texto é uma reflexão ainda provisória. Devido à falta de tempo, o texto permanece como uma sistematização não bem articulada e amadurecida em torno do tema “**a questão do sentido**”. Espero conseguir até o início do *IV Simpósio filosófico-teológico: A virada hermenêutica na filosofia e na teologia*, de 10 a 12 de setembro de 2008, em Belo Horizonte, trabalhar melhor as questões até o momento aqui expostas.

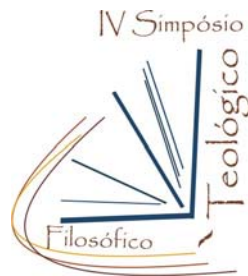


natureza, com os outros e com Deus. Na origem da filosofia está, por conseguinte, a capacidade humana de colocar perguntas. Aprender a ser homem é levar adiante a capacidade de perguntar-se e de maravilhar-se. Segundo Aristóteles, os homens foram levados a filosofar pela admiração, permanecendo primeiramente atônitos diante dos problemas óbvios, e depois foram, pouco a pouco, progredindo até proporem-se questões muito superiores e abrangentes.² Da admiração surge a indagação, e desta, enquanto capacidade de perguntar, de propor respostas e de enriquecer o mundo com novas considerações, advém a questão acerca da vida do homem no mundo.

A vida humana é singular, em primeiro lugar, porque é uma aventura consciente. Caminhar é uma experiência básica do ser humano. O caminho é variante no tempo e no espaço, mas, ao ser escolhido tal caminho por um homem, é, ao mesmo tempo, uma realidade a ser humanizada. O andar faz de uma estrada um caminho, porque escolhido por um homem e este, por sua vez, dá ao “caminho” sentido. E isso justamente porque o homem é um ser que internamente não se guia por instintos seguros. É agente racional livre. Deve, por conseguinte, ser capaz *ele mesmo* de determinar os seus atos. Para isso, ele carece de uma reflexão sobre si mesmo que lhe forneça um conhecimento de si, do que deve ser e de como pode chegar à sua auto-realização, uma vez que o homem não tem traçado diante de si, de antemão, tudo quanto poderá ser e não lhe está *determinado* tudo quanto realizará e lhe acontecerá.

O homem deve ser entendido como um ser que há de alcançar a perfeição por meio da própria atividade. Esta característica é de significado fundamental para compreender o homem como um ser que está em busca contínua da realização pessoal. O homem é um ser aberto e inacabado. Em sua unicidade e singularidade o homem não nasce já pronto. Apresenta-se como possibilidade de efetivar-se. Deve permanentemente construir e conquistar o seu ser. Assim sendo, o grande desafio do homem é esse processo de construção do seu ser. O homem é um ser ontologicamente aberto. O que o homem é não está estabelecido de antemão, pois sua primeira

² Cf. ARISTOTE, *Métaphysique*, I, 2, 982a –983b. Paris: Vrin, 2000.

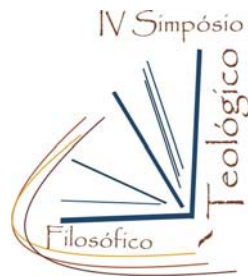


tarefa é sua própria *autogênese*.³ Seu comportamento não está previamente determinado a partir dos instintos. A abertura que caracteriza sua vida significa que ele deve dar orientação fundamental a seus impulsos. Seu ser é, em primeiro lugar, uma busca *de si*. Por isso, o homem é essencialmente desafio. Só ele tem, portanto, seu destino, isto é, sua efetivação não está de antemão garantida, mas submetida a situações determinadas, onde ela se põe sempre em jogo. O homem é, então, o ser da ameaça permanente, ameaça em relação a seu próprio ser, que se pode perder. Ele está sempre sob o apelo de criar as condições necessárias para efetivar-se⁴. Conseqüentemente, o homem apresenta-se como um projeto aberto. Todo o seu agir constitui um atestado dessa abertura. De fato, em tudo o que pensa, deseja, quer, realiza o homem sempre ultrapassa seus limites já atingidos pelo pensamento, pelo desejo, pela vontade, pela ação, pelo trabalho. O homem nunca está plenamente satisfeito consigo mesmo. Enquanto ser inquieto, lança-se sempre mais para frente, a fim de conseguir metas cada vez mais elevadas. Assim sendo, ele deve ser visto como um *ser de possibilidade*, plenamente capaz, por conseguinte, de colocar-se, jogar-se e engajar-se no processo contínuo e permanentemente do melhoramento e de perfectibilidade.

O homem levanta a pretensão de sentido. Ele busca dar sentido às coisas que lhe estão dispostas e do modo como lhe estão dispostas. Ele busca dar sentido ao todo de sua existência, admirando-se diante das coisas como se lhe apresentam, e interrogando-se, contínua e incansavelmente, a respeito das razões das coisas serem como são e não de outro modo. Enquanto ser dotado de reflexão, o homem vive como problemático, isto é, ele está preocupado em compreender a vida, o mundo, o sentido de suas ações, a particularidade de seus gostos, o significado de sua relação com a natureza. Ao tomar consciência dos diversos problemas que povoam seu universo, o homem se coloca a célebre questão a respeito de quem ele é, uma vez que a reflexão sobre o homem, identificando-se, sobremaneira, pela interrogação *o que é o*

³ Cf. OLIVEIRA, Manfredo Araújo de, *Ética e práxis histórica*, São Paulo: Ática, 1995, p. 93.

⁴ Cf. *Ibidem*, p. 93.

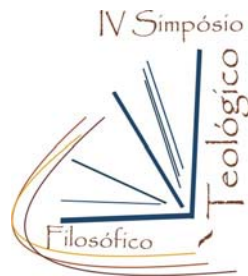


homem, permanece, desde a aurora da cultura ocidental, no centro das mais variadas expressões culturais: literatura, ciência, filosofia, ética e política. Dessa singularidade própria do homem, a de ser o interrogador de si mesmo, desencadeia-se o movimento de interiorização reflexiva do querer compreender-se como *presença a si mesmo*, descobrindo, por conseguinte, enquanto espírito finito, por um lado, que ele não se identifica com a plenitude da verdade e do bem, mas, por outro lado, como sendo capaz de ultrapassar o âmbito da realidade finita numa abertura ilimitada à totalidade do ser. Assim sendo, contrapondo-nos à tese da radicalização da imanência do horizonte existencial, isto é, à tese de que o sentido último encontra-se no espírito humano, sustentamos que só a abertura à *infinitude* dá ao homem na sua consciência um valor absoluto que apreende a totalidade do ser, capaz de contrastar com a contingência do horizonte material do homem no mundo, podendo-se afirmar, então, que a existência de um Deus transcendente é a resposta à exigência de sentido pleno do espírito humano. “De fato, ao tomar consciência de tais limites, o espírito necessariamente os supera, já que experimentar o limite como limite significa poder ao menos pensar em algo para além do limite, i.e., aceitar a possibilidade de algo mais do que o já alcançado em qualquer ponto da trajetória do espírito”.⁵

A mais pertinente de todas as questões é a *questão de Deus* e esta, enquanto questão última, implica todas as demais questões. A *questão de Deus* é percebida, sobretudo, à medida que nos aproximamos sempre mais da totalidade, do todo, da complexidade do cosmos, de sua inteligibilidade, de sua profundidade abissal e de sua beleza que dificilmente se consegue exprimir.⁶ Portanto, se por um lado, a *questão de Deus* apresenta-se como a questão das questões, uma vez que se refere às questões mais pertinentes e últimas de

⁵ MAC DOWELL, João A. Compreensão filosófica da experiência de Deus à luz da experiência transcendental do espírito humano. In: DURÁN CASAS, Vicente; SCANNONE, Juan Carlos; SILVA, Eduardo (Compiladores). *Problemas de filosofía de la religión desde América Latina*. De la experiencia a la reflexión. Bogotá: Siglo del Hombre Editores y Equipe Jesuítas Latinoamericana de Reflexión Filosófica, 2003, p. 304.

⁶ Cf. DE KONINCK, Thomas. *Filosofia da educação*. Ensaio sobre o devir humano. São Paulo: Paulus: 2007, p. 240.



toda vida humana, por outro lado, simultaneamente, a *questão das questões* pode constranger o ser humano no desejo de conhecer Deus, devido ao fato de que Deus permanece escondido e se torna desconhecível. “A *questão* de Deus se mostra, desta maneira, mais claramente do que nunca, presente em todas as outras questões. Trata-se, portanto, de uma questão que engloba as demais e que se impõe na realidade mais fortemente agora que em todas as épocas anteriores. Deus jamais esteve menos ‘morto’ no sentido que quer uma *doxa* preguiçosa. Em latim, estas duas sílabas, *Deus*, designam tudo o que esperamos, que aspiramos”.⁷

Todos podemos *questionar*. Podemos colocar tudo em questão. Colocar em questão significa *procurar, amar*. Todos procuramos o sentido radical de nossa existência. E sob a luz de sentido ou não-sentido da existência humana coloca-se a *questão de Deus*. Nossos desejos, nossas expectativas jamais se satisfazem e parecem procurar algo que os satisfaça e que seja como eles, isto é, infinita. Cada desejo remete para um outro desejo, o qual será também relativo não podendo ser plenamente satisfeito. E, nesse sentido, a infinidade do desejo humano só pode ser preenchida por um absoluto⁸. O abismo infinito somente pode ser preenchido por um objeto infinito e imutável, quer dizer, pelo próprio Deus. O amor verdadeiro deseja a eternidade. Toda alegria quer a eternidade, quer a profundidade, a profunda eternidade. Nesse sentido, o desejo de eternidade está nas profundezas de nosso coração. É o desejo do provisório pela eternidade. O provisório está em constante *devir* rumo ao definitivo. “Trata-se de uma busca que não cessa porque ela sempre só alcança o finito, o inacabado, o imperfeito, que, por sua vez, chama, requer um outro, seu outro, e assim sucessivamente até o último outro possível integrado no absoluto que não pode ter oposto e que é Deus. Esta é a busca de sentido que se confunde, bem entendido, com a busca da felicidade”⁹.

⁷ *Ibidem*, p. 240.

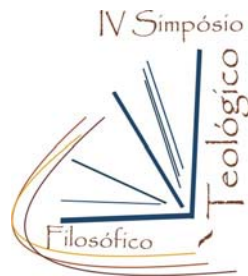
⁸ Cf. *Ibidem*, p. 266.

⁹ *Ibidem*, p. 269.



É urgente nos dar conta aqui de que a filosofia surgiu em nossa cultura ocidental como uma forma de pensamento. A filosofia levantou a pretensão de pôr em questão os fundamentos da vida cotidiana, da forma de vida que o homem constituiu para si mesmo no mundo, ou seja, surge como uma exigência de explicitar a razão de ser da práxis através da qual o homem se constrói. A razão emerge, assim, como a instância de julgamento de todas as manifestações da vida humana. Sua tarefa é tematizar a unidade na qual cada singular encontra seu sentido. Assim a unidade e multiplicidade, a presença do uno na pluralidade é o pressuposto de tudo, a instância a partir de onde se articula o sentido de tudo. O homem emerge como exigência de construir-se, ou seja, produzir uma configuração de seu próprio ser. Seu ser é, enquanto tal, abertura, indeterminação, o que em nossa tradição de pensamento o primeiro nome é de liberdade. O ser do homem é um ser no mundo, um ser na totalidade dos seres. Essa totalidade nos é sempre dada, mas ao mesmo tempo é também tarefa a construir. Assim, a verdadeira realidade não é algo já acabado, mas algo essencialmente aberto. É esta facticidade essencial que dá razão a uma das nossas características fundamentais: a *transcendência*. Enquanto contingentes, nós nunca somos seres prontos, estamos, em princípio, abertos a novas configurações de nosso ser. Liberdade é a chance permanente de novas configurações de nós mesmos e de nossas condições históricas da vida.

Quando dizemos que o homem é um *ser-no-mundo*, estamos dizendo que ele é um ser do diálogo universal com os seres, pelo fato de ser aquele

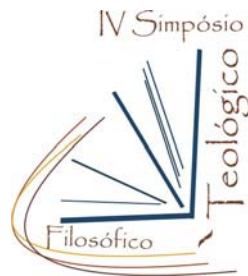


que tudo se questiona e tudo articula. O homem é essencialmente um ser com os outros. O homem é um ser de diálogo e assim sua liberdade é essencialmente dialógica. Seu mundo se constitui fundamentalmente de relações intersubjetivas. Liberdade, portanto, é a exigência sempre nova e diferente (historicidade) da construção de uma forma específica das relações que constituem nosso ser (comunitariedade). Como liberdade, experimentamos na necessidade de *dever-ser*. Precisamos descobrir e produzir criativamente uma configuração de nosso próprio ser. Na necessidade de ter que ser está, por um lado, nossa pobreza, mas, por outro, a nossa riqueza e beleza. Liberdade é tradução do Absoluto na interpretação na contingência de uma situação, no aqui e agora de uma epocalidade, nesta pessoa ou nesta comunidade de pessoas nesta história. A história se revela como espaço de luta pela efetivação do incondicional na contingência. A liberdade só é liberdade efetiva na história enquanto sempre nova encarnação do Absoluto na condicionalidade.¹⁰ Sendo assim, a busca pela incondicionalidade, ou seja, a busca pelo sentido último da vida faz com que o homem transcenda permanentemente toda realização histórica e a si mesmo.¹¹

A reflexão sobre o agir revela-nos o homem como um processo indefinido de conquista de si enquanto luta pela construção histórica do reconhecimento universal. A história é a necessidade originária do homem. Porém cada momento histórico limita e condiciona a efetivação da liberdade humana. Por sua vez, a transcendência humana é transcendência sempre limitante e situada. Por essa razão, a história só permanece humana como movimento de permanente ultrapassagem. O homem percebe continuamente seus limites, daí a transcendência permanente. Isso possibilita a abertura à liberdade ilimitada enquanto manifesta-se como condição última de possibilidade dele mesmo enquanto processo permanente de ultrapassagem.

¹⁰ LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. *Escritos de filosofia III*. Filosofia e cultura. São Paulo: Loyola, 1997, p. 115.

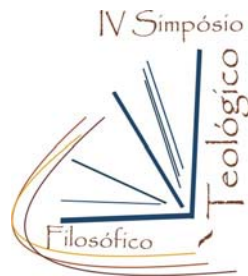
¹¹ Cf. HERRERO, Francisco Javier. *Estudos de ética e filosofia da religião*. São Paulo: Loyola, 2006, p. 155.



Se minha liberdade só se efetiva no encontro com outras liberdades libertadoras, com muito maior razão é liberdade libertadora a liberdade absoluta enquanto condição última de possibilidade do próprio processo libertador que constitui, em última análise, a práxis humana enquanto tal. O homem encontra na liberdade absoluta a condição de possibilidade. Nesse sentido, a religião, enquanto esforço de explicitação histórico-comunitária dessa experiência, é a radicalização da própria experiência originante do homem como experiência da exigência da liberdade solidária. A experiência do absoluto se revela, então, condição última de possibilidade do próprio processo histórico, pois é essa experiência que torna possível a ultrapassagem permanente, que caracteriza a vida humana. Nessa perspectiva, a efetivação da liberdade exige um movimento contraditório. De um lado, temos a construção de mundos históricos, limitados, e, de outro, exige-se a transcendência permanente do homem sobre esses mundos históricos e que só é possível com a consciência de sua limitação.

O homem faz a experiência de sua finitude. Compreendendo-se como *ser de relação*, o homem faz a experiência fundamental de seu limite. Descobre-se como ser imperfeito, necessitado de algo mais que não está em si próprio. E quando compreendida no sentido mais genuíno do termo, essa *experiência* repercute como fundamental e determinante. Desperta no homem a possibilidade de abertura a *algo mais*, uma vez que ele não consegue esgotar a compreensão de todas as possibilidades que lhe estão abertas, ainda que enquanto possibilidade. Nesse sentido, não é possível dizer detalhadamente tudo sobre *que é e o que será o homem*, ainda que, nos dias atuais, seja possível a objetivação do código genético do organismo vivo do homem, porque a vida humana é mais do que a soma dos elementos genéticos que lhe servem de vetor.¹²

¹² Cf. STEIN, Ernildo. *Exercícios de fenomenologia*. Limites de um paradigma. Ijuí: Unijuí, 2004. pp. 171-191.



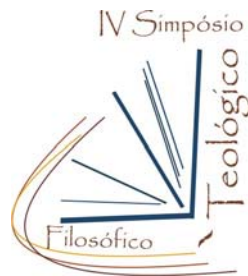
O homem é capaz de Deus. Só a abertura à infinitude dá ao homem na sua consciência um valor absoluto que apreende a totalidade do ser capaz de contrastar ou contrabalançar com sua contingência. O homem não apenas está no mundo como as coisas num ambiente físico. Não apenas vive no mundo como as plantas e os animais vivem no seu ambiente biológico. Ele experimenta a si mesmo como tarefa.¹³ Tem consciência de *ser-no-mundo* e pode refletir e julgar tal condição. O mundo do homem, com efeito, não se encerra num ambiente fechado e limitado exclusivamente. Não é restrito apenas a um *habitat* vital determinado. Estende-se indefinidamente. Supera todo regionalismo, expandindo-se, por assim dizer, por toda a terra, tornando o homem, por conseguinte, *cidadão de um mundo*¹⁴ não fechado nele mesmo, mas sempre aberto. Por isso, segundo Oliveira, há uma tensão que acompanha e caracteriza o ser do homem. “Por um lado, como ser da mediação, da capacidade de distanciamento da imediatidade, da possibilidade de transcendência sobre qualquer facticidade, ele é pura possibilidade, a pura negatividade, a força de dissolução de qualquer facticidade e a abertura ao futuro, ao diferente, à alternativa. Por outro lado, ele só é mesmo na medida em que se efetiva por meio das obras de sua atividade. Liberdade é tanto distância absoluta como engajamento que faz surgir o novo”.¹⁵

Assim, enquanto o homem, no plano horizontal do seu ser material, é finito e contingente, é incluído no mundo e transcendido por ele no espaço e no tempo, no plano vertical, o homem se eleva sobre o mundo inteiro e, na sua consciência e no seu espírito, transcende-o e ultrapassa-o infinitamente, podendo espiritualmente transcender as condições-limite do mundo. E na medida em que o homem sai constantemente de si mesmo e ultrapassa os limites da própria realidade, pode-se dizer ser capaz de *ir além de*. E quando essa sua capacidade de autotranscendência se move na direção do Infinito e

¹³ Cf. OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Diálogos entre razão e fé*. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 120.

¹⁴ Cf. CORTINA, Adela. *Cidadãos do mundo*. Para uma teoria da cidadania. São Paulo: Loyola, 2005.

¹⁵ OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Diálogos entre razão e fé*. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 120.



do Eterno, é, então, que o homem alcança sua plena realização.¹⁶ Deus é meta última da autotranscendência. A abertura infinita é uma abertura que só Deus pode fechar e preencher, uma vez que nenhuma realização histórica da liberdade pode levantar a pretensão de esgotar a absolutidade da exigência que nos interpela. Assim sendo, o homem vai além de *si mesmo*. Dirige-se para o Absoluto para poder encontrar-se a si próprio. “O homem não sai dos confins do próprio ser para se afundar no nada, mas sai de si para lançar-se em Deus, o qual é o único ser capaz de levar o homem à perfeita realização de si mesmo”.¹⁷ O verdadeiro sentido do homem é o Absoluto. Numa palavra, o sentido da questão acerca de Deus não poderá surgir senão implícita na questão de sentido sobre o homem.¹⁸ Assim, só o Absoluto pode marcar os confins da projetualidade humana e, ao mesmo tempo, doar ao homem as forças para levá-la a termo.¹⁹ “A experiência de Deus, enquanto experiência última, é uma experiência não só possível, mas também necessária para que todo ser humano chegue à consciência de sua própria identidade. O ser humano chega a ser plenamente humano quando faz a experiência de seu último ‘fundamento’, do que realmente é”²⁰.

A abertura à transcendência faz emergir no homem a consciência da provisoriedade. É precisamente a consciência do absoluto que faz emergir a provisoriedade estrutural da vida humana. Todo mundo histórico é negado como absoluto e pretensão da efetivação da liberdade solidária. Por isso, a consciência religiosa é consciência provocadora. Assim, a consciência religiosa enquanto consciência do absoluto é o tribunal da história. Foi precisamente nesse sentido que o absoluto emergiu aqui como condição última de possibilidade do processo de autogênese do homem enquanto processo

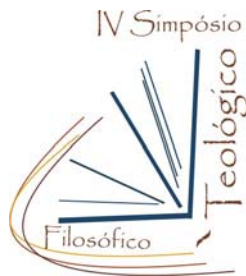
¹⁶ Cf. GALANTINO, Nunzio. *Dizer homem hoje: novos caminhos da antropologia filosófica*. São Paulo: Paulus, 2003. p. 162.

¹⁷ MONDIN, Batista. *O homem, quem é ele?* Elementos de antropologia filosófica. 8ª edição. São Paulo: Paulus, p. 261.

¹⁸ Cf. ALFARO, Juan. *De la cuestion del hombre a la cuestion de Dios*. 2ª edição. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1989. p. 25.

¹⁹ Cf. MONDIN, Batista. *Quem é Deus?* Elementos de teologia filosófica. São Paulo: Paulus, 1997. p. 404.

²⁰ PANIKAR, Raimon. *Ícones do mistério. A experiência de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 76.



histórico. Religião é liberação do aprisionamento definitivo do homem em qualquer finitude, e, portanto, possibilitação da transcendência que caracteriza a história. A história só é possível enquanto referência ao absoluto. Daí o paradoxo da nossa história humana: “a liberdade finita é portadora de uma exigência infinita, absoluta, incondicional; assim a práxis emancipatória, enquanto criador do espaço do reconhecimento solidário, emerge como portadora de exigência absoluta, pois o que está em jogo nela, em última análise, é a aceitação, por parte das liberdades finitas, do apelo da própria liberdade infinita.”²¹ Assim, podemos afirmar que o absoluto emerge como a dimensão última possibilitadora do processo de antropogênese como liberdade libertadora das liberdades humanas. Só a consciência do absoluto é capaz de legitimar, de modo incondicionado, a exigência ética da práxis libertadora.²²

²¹ OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Ética da racionalidade moderna*. São Paulo: Loyola, 1993, p. 186.

²² Cf. *Ibidem*, p. 189.